

Por Affonso Nunes

Duas gerações da música brasileira se encontram no álbum “Com o Coração na Boca”, trabalho que coroa a parceria entre Cida Moreira e Rodrigo Vellozo após uma série de apresentações realizadas ao longo do último ano. Lançado em julho de 2025 nas plataformas digitais, o disco é fruto de um processo criativo que Rodrigo define como “leve, divertido, absolutamente catártico e intenso”.

O projeto nasceu da idealização de Murilo Alvesso, responsável pela direção artística, enquanto a direção musical ficou a cargo dos próprios intérpretes. O resultado é um mergulho visceral nas emoções humanas, onde teatro e música se entrelaçam em uma dramaturgia sonora que transforma cada faixa em um ato de entrega absoluta. Para Murilo, “a junção desses dois talentos é a realização de um sonho. O álbum já é um marco na carreira de ambos.”

Com oito faixas que equilibram duetos e solos, “Com o Coração na Boca” evoca a tradição do teatro musical brasileiro ao dialogar

Corações vibrantes em sintonia

Cida Moreira e Rodrigo Vellozo selam temporada de shows em conjunto com álbum visceral



Divulgação

Cida encontrou uma parceria à altura: vozes que vibram na mesma intensidade

com compositores populares, clássicos internacionais e composições inéditas. A atmosfera cabarettesca permeia o trabalho, conferindo profundidade emocional às inter-

pretações. A faixa-título, assinada por Romulo Fróes e Rodrigo Vellozo, abre o álbum traduzindo em música o pulsar de emoções à flor da pele.

O repertório atravessa diferentes territórios sonoros. “Meu Cavalinho Tá Pesado”, ícone do Teatro Oficina, divide espaço com “Cada lugar na sua coisa”, de Sérgio Sampaio, e

“Desejo de Amar”, de Gabú e Marinho, imortalizada por Eliana de Lima. “Ainda é Tempo Pra Ser Feliz”, de Arlindo Cruz, Sombra e Sombriinha, ressurge como samba-canção, enquanto “Prudência”, de Tim Bernardes, e “Babylon”, de Zeca Baleiro, ampliam o espectro estilístico. A versão de “Youkali”, de Kurt Weill, e “Do jeito que a vida quer”, de Benito Di Paula, completam um mosaico que celebra a diversidade da canção brasileira e internacional.

Cida Moreira, figura lendária que atravessou décadas interpretando de Chico Buarque a Amy Winehouse, encontra em Rodrigo Vellozo um parceiro que honra as raízes deixadas por seu pai, Benito di Paula, ao mesmo tempo que constrói identidade artística própria. “Este espetáculo é mais do que um concerto: é uma celebração da vida, da dor, do amor e da arte que nos move. Estar com Rodrigo, partilhar o palco e entrelaçar nossas vozes e pianos é um ato de comunhão artística”, afirma a cantora.

A dupla fará o show de lançamento do álbum no dia 7 de novembro, no Sesc Pompéia, em São Paulo.

CRÍTICA / DISCO / SANFONA CARIOCA

Por Aquiles Rique Reis*

A sanfona que tanto amamos

Hoje falaremos sobre a sanfona, instrumento que aqui brilha pelas mãos do sanfoneiro Kiko Horta. Respeitado entre seus pares pela excelência com que toca o instrumento, ele está lançando seu primeiro álbum solo, “Sanfona Carioca” (Selo Mestre Sala). Como está explícito no título, o CD sintetiza a trajetória da sanfona brasileira segundo a ótica instrumental carioca de Kiko, que, entretanto, valeu-se da universalidade de Luiz Gonzaga, Orlando Silveira, Dominginhos, Sivuca e Chiquinho do Acordeom. E agora vamos ao repertório.

“Deixa o Breque Pra Mim” (Altamiro Carrilho): a melodia flui com Marcus Suzano (pandeiro), Luís Filipe de Lima (violão sete cordas), Luiz Barcelos (ban-

dolim) e Ivan Machado (contrabaixo elétrico). A sanfona de Kiko improvisa, o bandolim sola e tudo fica muito a gosto.

“Catita” (K- Ximbinho): sete cordas e bandolim iniciam e logo entregam a melodia pra sanfona. Pandeiro e baixo elétrico seguram as pontas. A sanfona improvisa.

“Chorinho de Gafieira” (Astor Silva): vixe, que o papo é sério! A pegada do arranjo é contagiante. O bandolim improvisa e a sanfona logo divide o proscênio com ele, até voltar num improviso pleno de eficiência.

“Recomeço” (Kiko Horta): o violão de sete cordas toca a intro do belo tema de Kiko, cuja sanfona se encarrega de o levar à frente. O sete



Divulgação

volta a brilhar. O ritmo rola afetuosamente pela suavidade do pandeiro.

“Comigo é Assim” (José Meneses e Luiz Bittencourt): a sanfona abre e o pandeiro vem com ela. Suingue na veia! O diálogo do duo instrumental soa perfeito.

“Chorinho Para Miudinho” (Dominginhos): Dominginhos

está presente com um choro esperto. Sanfona e bandolim dão conta do recado. Os improvisos vêm perfeitos.

“Dino Pintando o 7 Cordas” (Sivuca): e chega a hora da homenagem ao grande Dino Sete Cordas. E o sete fulgura pelas mãos de Luís Filipe, enquanto a sanfona resfolega, bonita que só, e o bandolim toca e também arrasa.

“Forró Transcendental” (Kiko Horta): balanço total, de fazer o mocinho tímido pular da cadeira e se achegar pra chamegar com a bela dama. O improviso do bandolim adere ao som da sanfona e criam um lindo momento harmônico.

“Meu Lugar” (Arlindo Cruz e Mauro Diniz): o samba em tom menor vem com a sanfona dando

intensidade a ele. O sete surge e chama a atenção para seus baixos encadeados. O balanço é pleno de vigor e charme. A sanfona conduz ao final.

“Um Tom Pra Jobim” (Sivuca e Oswaldinho): o forró é quente! O ritmo segura a parada com firmeza. Cabe à sanfona e ao bandolim abrilhantarem o som que rola pelas mãos dos instrumentistas que realizaram um belo trabalho. Com o tributo de Sivuca e Oswaldinho a Tom Jobim, o álbum Sanfona Carioca fecha a tampa. Ouça o álbum em <https://11nk.dev/V0FZR>

Ficha técnica

Produção musical: Luís Filipe de Lima e Kiko Horta, produtor associado: Celso Filho, mixagem, masterização e gravações adicionais: Tuta Macedo.

*Vocalista do MPB4 e escritor